

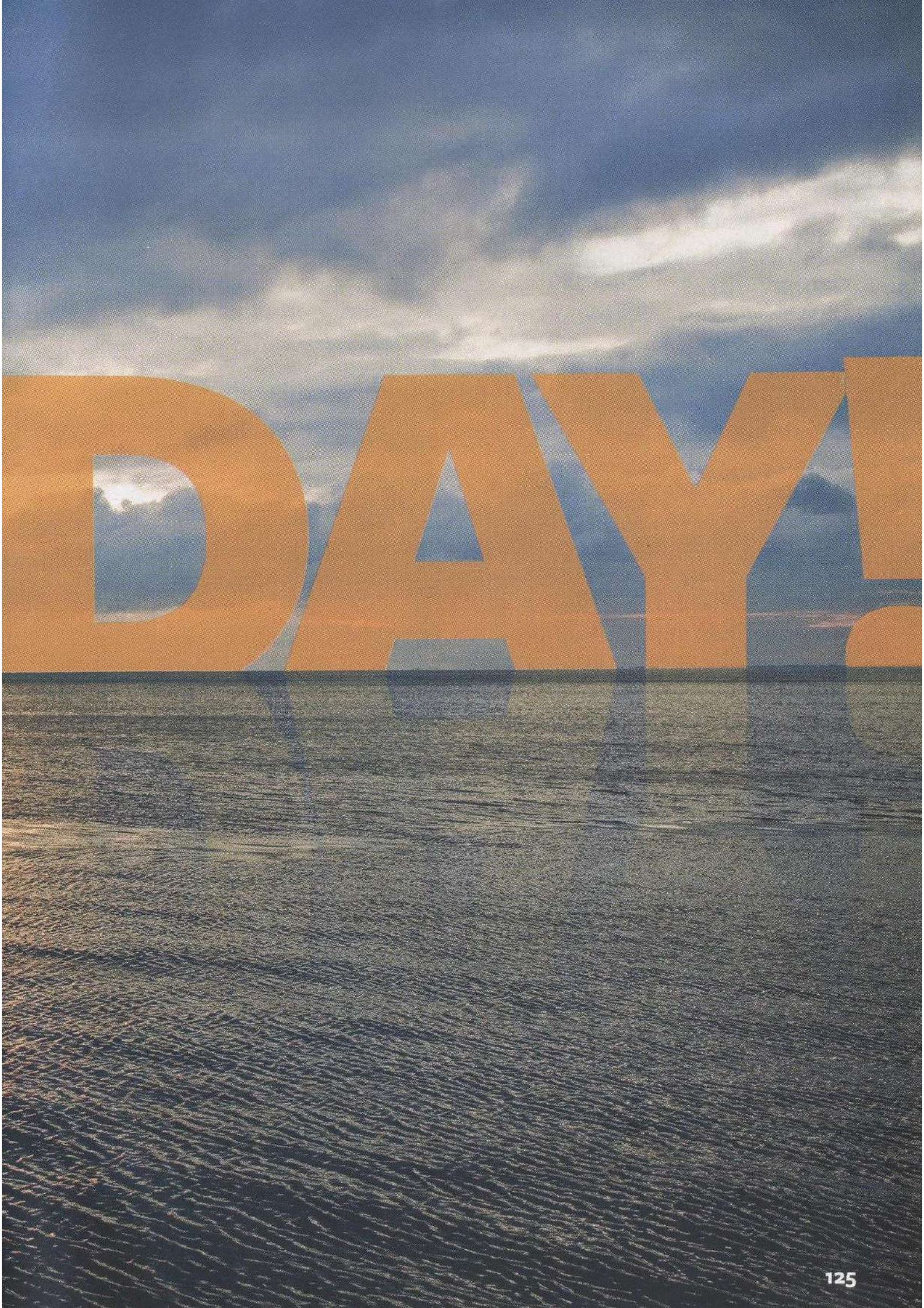
*Quem conseguiria  
sobreviver 18 horas  
aqui sem colete  
salva-vidas?*



*Michael Trapp  
conseguiu.  
Veja como.*

POR DEREK BURNETT

FOTOGRAFADO POR TAMARA REYNOLDS

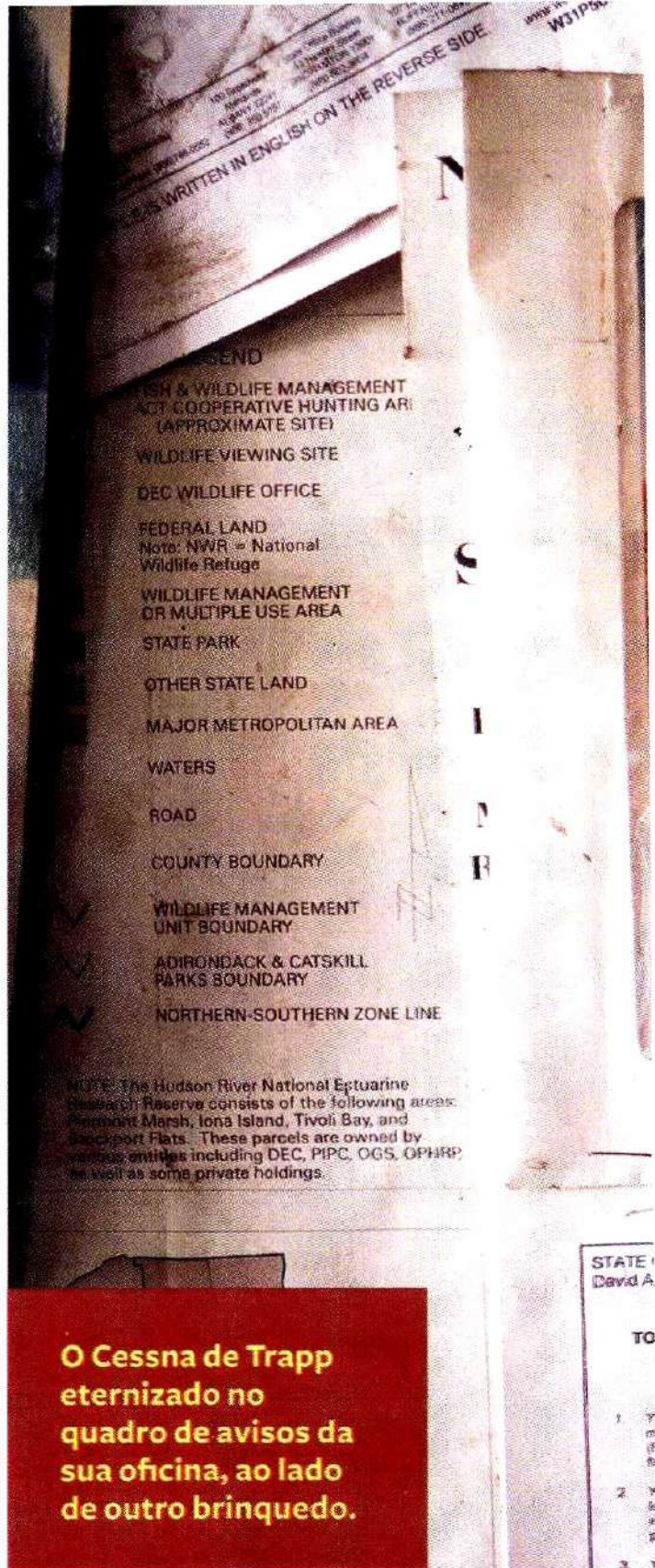


# M

ichael Trapp ia

muito bem, obrigado, pilotando o seu Cessna 150 de 1966 sobre as águas do Lago Huron, nos Estados Unidos. Era o meio da tarde de 26 de julho de 2011. Ele voava a confortáveis 900 metros de altitude, a caminho de uma reunião de família em Eau Claire, tendo partido de sua casa em Nova York. A mulher, Julie, manifestou sua desaprovação, chegando a pedir que fizesse o testamento caso insistisse em ir, mas ele não lhe dera atenção. É verdade que era sua viagem mais longa até então, que o avião era mais velho do que ele, que nunca tivera de cruzar “tanta água” e, claro, tinha apenas 130 horas de experiência de voo – mas, de fato, o que poderia dar errado? Já decolara e pousara centenas de vezes, mapeara a rota com todo o cuidado e até partira um dia antes da data marcada, para fugir do mau tempo. Ainda economizaria centenas de dólares evitando as linhas comerciais. Para ele, jogar fora quase mil dólares pelo privilégio de ser revistado por seguranças e ficar apertado como sardinha em lata é coisa de maluco.

Então, o barulho do motor mudou. Bastante. O combustível estaria acabando? Não podia ser. Ele acionou o seletor para trocar o tanque de combustível. O motor continuou a perder força e a altitude a se reduzir. Então ligou o sistema anticongelamento. Ne-



O Cessna de Trapp eternizado no quadro de avisos da sua oficina, ao lado de outro brinquedo.

nhuma mudança. Puxou o manete. O avião continuou a descer. Ele espiou pelo para-brisa: conseguia ver terra à frente – a parte da costa do Michigan que, no mapa, parece o polegar de uma luva.

Comunicou-se com Lansing pelo rádio e deu sua posição e direção: “Es-



Location: Lake Huron

Elevation: ~3000 ft

WORKERS' COMPENSATION BOARD  
Zachary S. Weiss, Chair

**STATEMENT OF RIGHTS**

IF YOU ARE INJURED WHILE WORKING OR WHO SUFFER FROM AN OCCUPATIONAL DISEASE

**YOU ARE ENTITLED TO WORKERS' COMPENSATION BENEFITS**

Within two years of the date you are injured, unless your injury is very minor, requiring no medical treatment, or work-related disease, you may be entitled to benefits. Obtain and file a claim form (VAW-1) with the nearest Workers' Compensation Board office, or VAW-3 for volunteer ambulance workers, with the nearest Workers' Compensation Board office.

If your work-related injury keeps you from work for more than seven days, entitles you to work-related disability benefits. If you are unable to return to work for more than 14 days, you may be entitled to rehabilitation services if you need help returning to work. For volunteer ambulance workers, compensation for lost time or loss of earning capacity may be available.

Get necessary medical treatment related to your injury and you should do so immediately.

S:



“...tô sobrevoando água e o motor está com problemas. Podem ficar de olho em mim, por favor? Só para garantir que cheguei à margem?”

Orientaram Trapp a passar para a frequência de rádio de emergência a fim de que a equipe de resgate soubesse sua localização e identificação.

A água se aproximava depressa: 30 metros. Ele voltou a falar com Lansing, gritando:

– Vou cair na água!

Ele tinha reduzido a velocidade para 80 km/h, sabendo que a 77 km/h o avião não ficaria mais no ar. O alarme de estol começou a soar. Ele abriu a

porta e tocou de leve o manche para erguer o nariz. Só de implicância, de repente o motor voltou à vida. Tarde demais. A cauda atingiu a água primeiro. O avião deu um pulo, o para-brisa explodiu e a água do lago entrou na cabine com força total. A resposta de Lansing ao pedido de socorro se afogou na invasão furiosa da água. Eram 16h12.

**A**os 42 anos, não se pode dizer que Trapp estivesse em forma. O mecânico de automóveis e, em suas próprias palavras, maníaco por motores se pesava regularmente, sempre que competia no circuito local de Stock Car. O físico de 1,75 m e 92 kg refletia sua postura tranquila diante da vida. Ele não se preocupava muito; gostava de rir e de fazer rir; cercava-se de amigos e familiares. A princípio, podia parecer um caçador de emoções, mas o que realmente o atraía nas corridas era a camaradagem. Gostava de trabalhar com os amigos nos carros tanto quanto gostava de pilotá-los.

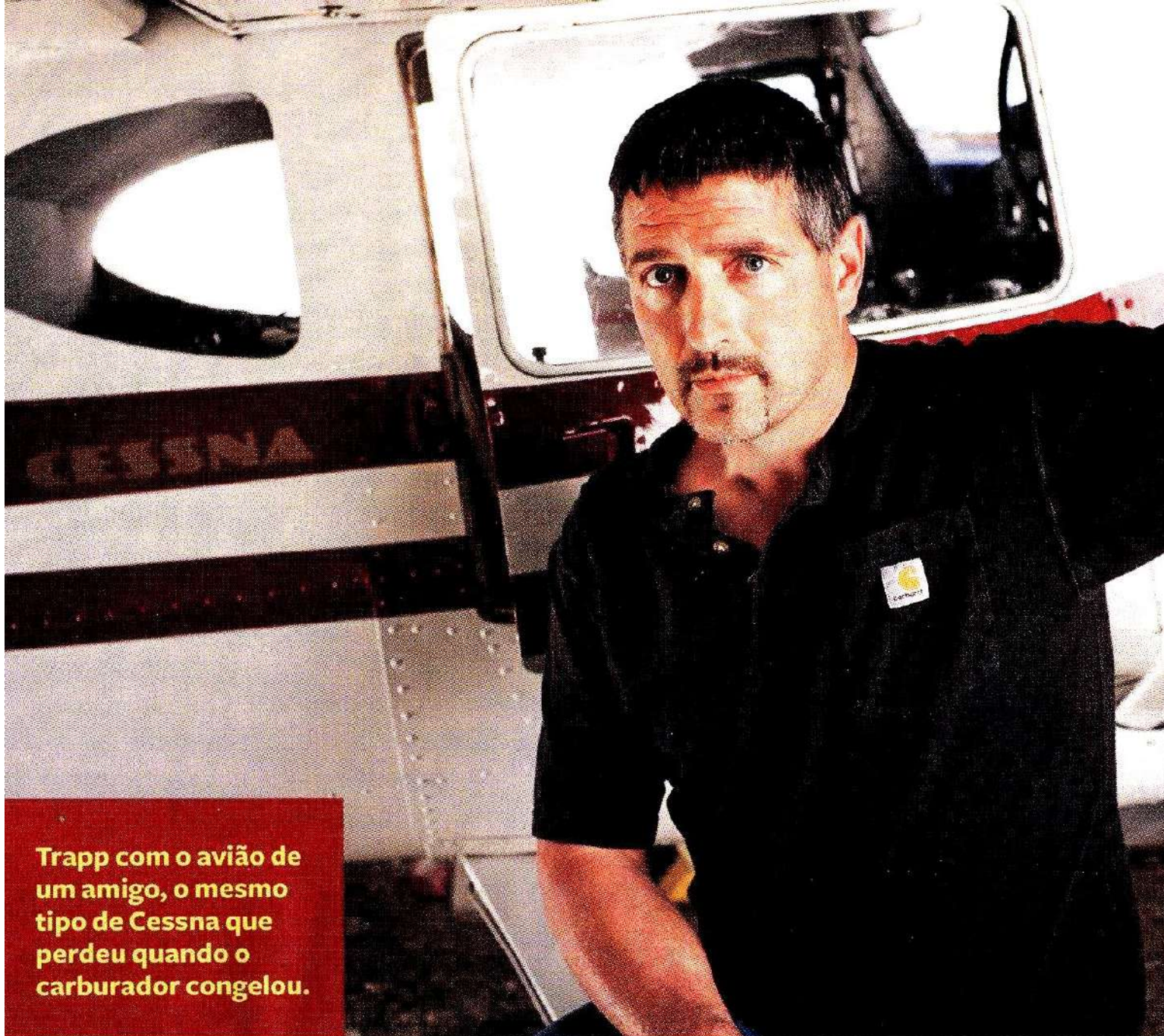
Voar não era um sonho antigo de Trapp. Por acaso, apenas três anos antes, acabara guiando o avião de um amigo que lhe disse: “Segure o manche um minuto, Mike. Quero tirar umas fotos.” Trapp se apaixonou na mesma hora. Meses depois, tirou o brevê e financiou a maior parte dos 13.900 dólares que pagou pelo Cessna. Os filhos e o en-

teado – Jeffrey, de 19 anos, Nicholas, de 17, e Drake, de 11 – se empolgaram e até brigaram para ver quem voaria com ele sobre a Cadeia Adirondack e o Rio St. Lawrence, olhando de cima os lagos, florestas e cidadezinhas do norte do estado de Nova York. Mas Julie não ficou nada entusiasmada com essa história. O avião a apavorava. Ela voou com ele apenas duas vezes. Se o marido queria arriscar a vida, tudo bem, mas ela realmente preferia ficar de fora.

**Trapp prendeu a respiração e soltou** o cinto de segurança. Nadou debaixo d’água, saiu pela porta que se abriu com a queda e chegou à superfície agarrando-se à cauda. O avião continuava afundando. Ele tirou a mão do Cessna e o viu descer 9, 12, 15 metros, até sumir nas águas. “Adeus, meu bem”, disse ele. O avião levou menos de um minuto para afundar.

*A água entrou nos seus pulmões. “Sobrevivi à queda do avião”, pensou. “E agora vou afogar.”*

*Bem, você está vivo, pensou. E a água não está fria demais – entre 15°C e 20°C. Sem o avião para se segurar e nenhuma boia, ele teria de nadar. O problema era enfrentar as ondas de quase dois metros que não paravam*



**Trapp com o avião de um amigo, o mesmo tipo de Cessna que perdeu quando o carburador congelou.**

de jogá-lo para debaixo d'água. Ele saía cuspidando, debatendo-se, e era só recuperar o fôlego para que outra onda o afundasse. *Você vai precisar de um plano*, raciocinou.

Na marinha, fora treinado para transformar a calça num colete salva-vidas. Então, tirou os tênis e a calça, amarrou as pernas, encheu-as de ar e as enrolou no pescoço. Quando veio uma onda grande, a calça se retorceu em volta de sua garganta e quase o estrangulou. *Bem, isso foi uma estupidez*, admitiu. Furioso, jogou a calça longe e continuou batendo os pés.

Tentou boiar de costas para recuperar o fôlego, mas as ondas eram implacáveis. A água entrou-lhe pela garganta até o pulmão. Ele vomitou. *Você acabou de sobreviver a um desastre de avião*, disse a si mesmo. *E agora vai se afogar*. A calça ainda flutuava a alguns metros; ele nadou até lá, pegou a carteira e a enfiou na cueca. Assim, conseguiriam identificar o corpo.

**J**ulie recebeu um telefonema um pouco depois das 18 horas. Eram poucos os detalhes. Michael fizera um chamado de

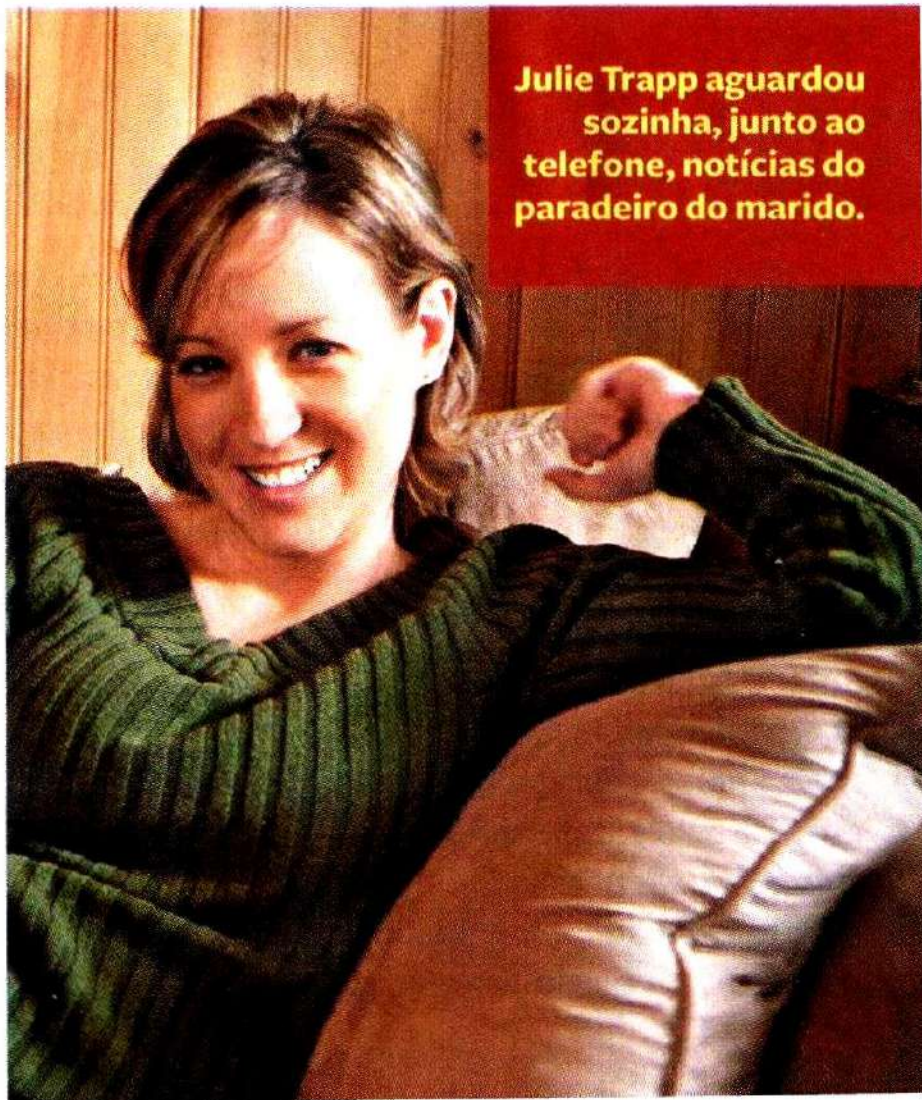
emergência. Desaparecera. A Guarda Costeira iniciaria as buscas. Entrariam em contato. Ela desligou, tonta e até zangada. “Eu avisei”, sussurrou. Mas não havia nada a fazer senão esperar.

A Guarda Costeira despachou três aviões e três barcos, mas as autoridades não tinham entendido direito a posição de Trapp antes da queda, e a área de busca se estendia por quase 5 mil km<sup>2</sup>. E, com ondas de dois metros, uma cabeça humana fora d’água é bem difícil de localizar.

**Bem, ainda não estou disposto a morrer**, pensava Trapp. As ondas eram grandes, tudo bem, mas ele se lembrou de ter visto na TV que uma menina de 12 anos cruzara o Canal da Mancha a nado. *Se uma menina de 12 anos consegue, eu posso me aguentar e flutuar mais um pouco*, pensou. Mas era difícil se desligar de tudo que deixara no avião – o celular à prova d’água, por exemplo, e dois pacotes de rocambole, além da geladeira de isopor e a garrafa d’água, que poderiam ajudá-lo a se manter na superfície. Começou a nadar cachorrinho e alguma coisa chamou sua atenção. Uma boia de marcação? Exultante, foi em direção a ela. *Ora, ora*, pensou, *vou simplesmente nadar e me agarrar àquela boia até que venham me buscar, e depois serei bonzinho*. Ele nadou o máximo que pôde

durante duas horas, às vezes boiando de costas para descansar. Uma vez, enquanto descansava com as orelhas debaixo d’água, ouviu um motor se aproximar. Tirou a cabeça da água e examinou o horizonte. Lá, a menos de 50 metros, flutuava um enorme cargueiro. Embora acenasse e gritasse, o navio passou por ele e quase o afogou com a imensa onda da esteira.

O sol se punha diante dele quando percebeu que aquilo que perseguia não era boia nenhuma. Era o alto da chaminé de uma fábrica na costa. *Tudo bem*, pensou. *Melhor ainda: vou nadar até chegar a terra firme*. Ele estava a três quilômetros das luzes cintilantes à beira d’água quando deparou com uma forte corrente que o travou por completo. Nadava o má-



**Julie Trapp aguardou sozinha, junto ao telefone, notícias do paradeiro do marido.**

ximo que podia até mal conseguir respirar, com os músculos exaustos, e rolava de costas para descansar. Quando se recuperava, tinha perdido terreno. A primeira estrela surgiu. Ele fez um pedido.

**Em Gouverneur, a família e os amigos** angustiados se reuniram na sua casa. Naturalmente reservada, Julie pouco falava; apenas esperava ao lado do te-

*“Deixe-me abraçar minha mulher de novo”, pediu. “Por favor, faça algo bom acontecer.”*

lefone. Apreciava a demonstração de apoio, mas, acima de tudo, queria ficar sozinha. Finalmente, a casa se esvaziou e ela foi se deitar, mas a cabeça fervilhava de possibilidades em que preferia nem pensar. Quando finalmente adormeceu, estava no lado da cama em que Michael costumava dormir.

Durante a noite, dois helicópteros, um avião C-130 da Carolina do Norte, um do departamento do xerife local e outro da Força Aérea canadense vasculharam a área de busca. Trapp não os viu. O que viu foi a luz verde de uma boia, mais longe, perto da costa. De volta ao plano A, então: agarrar-se a uma boia até o resgate. Mas a corrente ainda o atrapalhava. Ele tentou

durante horas, enlouquecido pela tortura de ver a boia tão perto, nadando até os membros amolecerem, descansando de costas à luz das estrelas e, então, percebendo que estava mais longe do que quando começara.

*Ninguém virá esta noite, percebeu. É preciso relaxar e esperar que o sol nasça. Então, pela manhã, alguém vai me ver e virá me buscar.* Ele boiou de costas, hipnotizado pelas estrelas, observando os satélites cruzarem o céu, espantado com o número de meteoros que se consegue ver quando não se tem mais nada para olhar. As ondas diminuíram e ele nadou apenas para acompanhar os pontos quentes da água. Quando tremia de frio, se forçava a parar e esfregava o corpo até conseguir flu-

tuar calmamente outra vez.

Ele pensou naqueles a quem amava. Tanta gente dependia dele! Julie, os filhos, os funcionários da oficina mecânica, os amigos. Viu que conseguia uma trégua do sofrimento quando se visualizava em casa com as pessoas importantes para ele – rindo com os amigos, aconchegado na cama ao lado de Julie. Então uma onda gelada lhe caía no rosto, ele tossia, expelia a água e recomeçava.

Numa das tréguas, algo bateu com força no seu corpo. *Mas que...?* Ele tateou, esperando encontrar um tronco ou destroço. Não era nada disso. Era um peixe. Um peixe enorme. Sua cabeça foi a mil, imaginando mandíbulas





**Os salvadores de Trapp: Diane e Dean Petitpren, o comandante Erik Krueger, Marita Grobbel e o marido, Dennis Andrus. Krueger disse a Trapp, para descontrair: “Está meio longe da margem, não é, colega?”**

enormes subindo das profundezas para jantá-lo. *Opa! É melhor tirar essa bobagem da cabeça. Agora não há tempo para isso.*

Ele boiou e relaxou de novo. E um mosquito começou a lhe picar a testa. *Está de brincadeira? A três quilômetros da margem? Você não tem pena, não?* Ele xingou, estapeou o ar, e o mosquito foi embora.

Mais tarde, voltara à posição de nadar cachorrinho para ver se estava tudo bem quando uma sombra flutuou entre ele e as luzes da margem. Forçou os olhos na escuridão e viu o que era – um cormorão, uma ave marinha que deu várias voltas em torno dele e depois pousou na água escura e começou a nadar na sua direção. *Que droga! Essa coisa vai me furar os olhos!*

– Saia daqui! – berrou, e o pássaro, espantado, obedeceu.

Enquanto esperava o nascer do sol, ele pensou na vida. Nas coisas estúpidas que fizera. Nas discussões à toa com Julie. Começou a rezar. *Por favor, me deixe abraçar minha mulher só mais uma vez. Por favor, me deixe abraçar meus filhos só mais uma vez. Por favor, faça com que algo de bom aconteça.*

**M**ais barcos passaram, mas Trapp boiava ali tão invisível e insignificante quanto um pedaço de pau. Quando o sol nasceu, o calor foi bem-vindo, mas trouxe ondas maiores. Agora ele estava com muito frio, e a cãibra nos músculos exaustos era forte. *Você não tem muita opção*, disse a si mesmo. *Ou nada, ou morre. São as duas únicas opções.* Ele decidiu nadar na direção da corrente para assim chegar à margem. Dava braçadas com força quando um barco de pesca se aproximou, cada vez mais perto, e foi como se pudesse tocá-lo. Três homens andavam pelo convés. Ele gritou e acenou o mais que pôde, até que não lhe restavam mais forças e não teve opção a não ser boiar e se recuperar. Quando se sentiu melhor, a corrente o arrastara para uns 500 metros do barco.

– Droga! – gritou.

Não conseguia mais sentir as mãos e havia um estranho formigamento nos braços. *Você tem de relaxar*, disse a si mesmo de novo. Mas era cada vez mais difícil. Então, ergueu os olhos e viu um barco a vela se aproximar. Tirou o cartão de crédito da carteira e

começou a refletir os raios de sol sobre o barco. Alternava acenando com a meia. Sem resultado.

Nas horas seguintes, mais dois veleiros passaram, e ele tentou chamá-los em vão. Sentia que chegava ao seu limite físico. Já estava na água havia umas 18 horas.

Outro barco se aproximou. Com câibra e fraco, Trapp nadou na direção da embarcação com braçadas meio tortas. Parou e, novamente, começou a agitar a meia e a refletir o sol com o cartão de crédito. O barco seguiu em frente. *Por favor, por favor, por favor. Venha. Acho que não terei outra oportunidade. Por favor!*

**Dean e Diane Petitpren e seus** convidados estavam a bordo da lancha de passeio *Viking*, de 58 pés, havia três horas quando Diane olhou em direção à margem e viu algo flutuando na água. Não tirou o olho do que vira enquanto Erik Krueger, o comandante contratado por eles, fazia o barco dar meia-volta.

**Eram 10h30 quando o telefone de Julie** Trapp tocou.

- Alô? - atendeu, com receio.

- O seu marido se chama Michael? - perguntou Marita Grobbel, convidada na lancha dos Petitprens, enquanto seguiam a toda para o porto mais próximo.

Julie não encontrou forças para responder.

- Nós o achamos no Lago Huron.

- Marita! Diga a ela que ele está vivo! - berrou Dean Petitpren.

**M**ike Trapp foi levado para o hospital Covenant Healthcare, no Michigan, e recebeu tratamento para exaustão e hipotermia. Naquela noite, deitado na cama do hospital, ele se maravilhava com sua sorte quando ergueu os olhos e viu Julie em pé à porta.

- Não quero machucar você, então não vou abraçá-lo muito apertado - disse ela.

- Não se preocupe com isso - respondeu Trapp, os olhos cheios de lágrimas.

E ela o abraçou o mais apertado que pôde.

De acordo com a Força-Tarefa de Busca e Resgate dos Estados Unidos, o usual é que, em águas entre 15°C e 20°C, a pessoa chegue à exaustão ou à inconsciência em duas a sete horas. O sofrimento de Trapp durou 18. Ele perdeu três quilos e passou três dias no hospital para se recuperar do nível perigosamente alto de uma proteína liberada pelos músculos demasiadamente exigidos e que pode sobrecarregar os rins. Quando voltou para casa, foi recebido como herói.

No barco, depois que os salvadores o tiraram da água, Trapp foi enrolado num grosso cobertor preto e lhe deram uma banana. Foi a suprema felicidade.

- Aquela foi a melhor banana que já comi - diz ele. - E eu conseguia sentir o sol se irradiando pelo cobertor e aquecendo meu corpo. Fiquei... havia...

- Trapp reorganiza os pensamentos: - Há pouquíssimos momentos tão preciosos quanto aquele. Adoro a minha vida. É muito divertida. E ainda não estou disposto a abandoná-la. ■